

O português nas organizações internacionais africanas

Pág. 2/3

SEDE DA UNIAO AFRICANA EM ADIS ABEBA. FOTO JACQUELINE SODAN/OUTLINE



**‘Camões’ e ‘Cervantes’
trabalham em
“parceria sólida”**

Pág.2/3

**Dia da Língua
Portuguesa assinalado
no Jardim da ONU**

Pág.4

**Estados Unidos
Triplicam candidatos
aos exames NEWL
de português**

Pág.4

O português nas organizações internacionais africanas

O idioma ensinado aos funcionários

❖ O Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) vai ser mais uma das organizações internacionais em que a língua portuguesa é ensinada aos seus colaboradores. Um protocolo nesse sentido foi assinado entre o Camões, I.P. e o BAD, a 10 de abril, em Abidjan, cidade sede da instituição na Costa do Marfim, durante uma visita da secretária de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação, Teresa Ribeiro.

É já antiga a vontade dos países de língua portuguesa de verem o seu idioma – o 5.º mais falado em todo o mundo – ter uma mais ampla utilização nas organizações internacionais, sejam elas globais, como as Nações Unidas ou a UNESCO, ou regionais, na Europa, África e América Latina.

Em África, o português é língua oficial da própria União Africana, conjuntamente com o árabe, o inglês e o francês, assim como de mais 3 organizações regionais africanas, a SADC (acrónimo inglês da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral), a ECCAS (Comunidade Económica dos Estados da África Central) e a CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental).

O Plano de Ação de Brasília, adotado pela Comunidade dos Países de

Língua Portuguesa (CPLP), de 2010, definiu pela primeira vez uma estratégia de implantação do português nas organizações internacionais, pautada “pelos princípios de realismo nos objetivos, de pragmatismo na execução e de persistência na concertação da ação política” entre os seus Estados membros.

Entre as medidas que têm sido desenvolvidas ao longo dos anos tem estado o apoio ao ensino da língua portuguesa e à formação de tradutores e intérpretes de e para o português nas organizações internacionais, política em que o Camões, I.P. tem empenhado os seus recursos técnicos e humanos, nomeadamente através da sua rede de professores e leitores, nomeadamente em África.

As aulas de português no BAD – que tem como línguas oficiais

o inglês e o francês, mas de que fazem parte vários países de língua portuguesa – deverão iniciar-se em setembro próximo. Serão ministradas pelo leitor português em posto em Abidjan na Universidade Félix Houphouët Boigny e visam a “formação linguística dos quadros do banco interessados em aprender a língua portuguesa” e a “formação contínua dos colaboradores do Banco nas áreas da tradução e interpretação de conferência”.

CEDEAO

A assinatura do protocolo com o BAD segue-se ao início formal, em março último, das aulas de língua portuguesa para os funcionários da Comissão da CEDEAO, com sede em Abuja, na Nigéria, e em fevereiro passado na UNON (*United Nations Office in Nairobi*, sede das Nações Unidas em Nairobi, no Quênia).

As aulas em Abuja estão a decorrer no Centro de Língua Portuguesa (CLP), que se encontra instalado no centro de formação dos funcionários da CEDEAO, organização regional com 15 Estados membros, em que a língua portuguesa é oficial, conjuntamente com o inglês e o francês.

No entanto, o facto de os dois Estados de língua portuguesa membros da CEDEAO serem “os mais pe-



quenos da organização” faz com que língua portuguesa “não seja usada no dia-a-dia da organização com a intensidade que se desejaria”. Obsta também a um uso mais amplo do português na CEDEAO a “carência de recursos humanos devido a fortes restrições financeiras e orçamentais que afetam a organização”, dificuldade a que um protocolo assinado em 2016 entre a CEDEAO e o Camões, I.P. “visa justamente dar resposta”.

As aulas, que puseram fim a um interregno no ensino de português naquela organização, que durava desde 2011, são asseguradas por um docente nacional de um Estado membro da organização, no caso Francisco João Lopes, de Cabo Verde, selecionado para dirigir o CLP da CEDEAO.

Um total de 70 alunos – secretárias bilingues, tradutores, intérpre-

tes, membros do protocolo, diretores de departamento e outros funcionários – frequenta as aulas, em duas turmas (uma de nível A1 e outra de nível A2), 4 horas por semana.

UNON

Já o ensino da língua portuguesa na UNON enquadra-se no projeto que está a ser desenvolvido na esfera do leitorado de português na Universidade de Nairobi (UdN), pelo Camões, I.P., refere a docente Ana Alfaiate.

A lecionação insere o português no grupo de línguas ministradas em cursos certificados – inglês, francês, espanhol, árabe e suaíli – e “pretende oferecer e desenvolver capacidades comunicativas e pragmáticas” escritas e orais dos funcionários da organização, encontrando-se também aberta ao corpo diplomático em Nairobi.

O curso “segue as orientações globais para o ensino das línguas estrangeiras dentro da organização”, bem como “a estrutura concebida para todas as línguas – um ano letivo, repartido por três trimestres”.

Segundo Ana Alfaiate, “o crescente número de falantes de português a nível mundial e, em particular, em África, contribuiu para o interesse em integrar a língua lusa na oferta formativa da organização”.

O arranque do curso em fevereiro fez-se com 6 alunos, “número que irá aumentar no próximo período, uma vez que a possibilidade de aprender ou desenvolver os conhecimentos da língua portuguesa está a tornar-se conhecida e divulgada”.

Por outro lado, refere a leitora,

‘Camões’ e ‘Cervantes’ trabalham em “parceria sólida”

❖ O Camões, I.P., de Portugal, e o Instituto Cervantes (IC), de Espanha, estão a trabalhar para estabelecerem uma “parceria sólida”, revelou em março passado, na 3.ª da série de conferências ‘Camões dá que falar’, o embaixador Luís Faro Ramos, Presidente do instituto português que tem a seu cargo a cooperação para o desenvolvimento e a promoção da cultura e da língua portuguesa no mundo.

O Presidente do Camões, I.P., que falava no período de perguntas e respostas da palestra proferida na sede do instituto, em Lisboa, pelo embaixador espanhol Alfonso Lucini, diretor de análise e estratégia do IC, em Madrid, situou a parceria no contexto da “força de línguas formidável” que o espanhol e o português representam.

“Se juntarmos esses 560 milhões [que falam espanhol] aos mais de 260 milhões que falam português, temos uma força de língua ou de línguas formidável”, defendeu o embaixador Faro Ramos, que adiantou que até final do século cerca de 500 milhões de pessoas vão falar português, segundo



Alfonso Lucini (à esquerda) e Luís Faro Ramos

as Nações Unidas. “Se juntarmos estas duas línguas, temos um *soft power* impressionante, através do mundo”.

Em fevereiro passado, o presidente do Camões, I.P. reuniu-se em Madrid com o diretor do IC, Juan Manuel Bonet, com quem abordou “as possibilidades de colaboração entre os dois institutos” e trocou impressões “sobre as comemorações em ambos os países do 5.º centenário da viagem de circun-navegação de Fernão de Magalhães”, tendo assistido à apresentação pública de um número da revista espanhola *Occidente*, dedicado ao português que navegou ao serviço de Espanha.

Na sua conferência, Alfonso Lucini, licenciado em Filologia Hispânica e diplomata de carreira, afirmou ter sido estabelecido “recentemente as bases de uma sólida aliança entre o Instituto Camões e o Instituto Cervantes, que creio firmemente que vai dar os seus frutos num futuro muito próximo” e que era nesse quadro que estava em Lisboa.

Lucini situou essa “aliança” no contexto do “novos desafios” que o IC enfrenta, num “século global” e “cada vez mais complicado, multipolar”, dizendo que “atualmente está em curso um processo de reflexão estratégica” na instituição espanhola para a adaptar ao novo contexto internacional e tecnológico e “estabelecer novas alianças que complementem as suas

capacidades e aumentem o impacto da sua atuação”.

ÁFRICA E OS ESTADOS UNIDOS

Respondendo à pergunta do Presidente do Camões, I.P. sobre “como é que estas duas línguas [espanhol e português] se podem potenciar através do espaço ibero-americano para o mundo”, o também antigo diretor-geral de política externa do Ministério das Relações Exteriores de Espanha considerou que aquele “é um dos espaços naturais de colaboração” entre os dois países, “não apenas no âmbito da língua, mas em todas as outras áreas”, sendo outro o espaço europeu.

“Esta colaboração entre o Camões e o Cervantes tem verdadeiramente caráter estratégico”, sustentou Lucini, referindo depois que, sendo África “um dos continentes com maior projeção no futuro”, “a presença da língua portuguesa” aí, em Angola e Moçambique, “constitui uma base fundamental nesse sentido”.

No caso do espanhol “o grande espaço do futuro é os Estados Unidos”, disse, explicando que se hoje em dia o país onde há maior número de hispano-falantes é o México, o país onde em 2050 haverá maior número de hispano-falantes será os Estados Unidos.

África e Estados Unidos são “dois espaços muito diferentes, mas que

“está também em fase de implementação a integração do português no PAMCIT – *Pan African Masters Consortium in Interpretation and Translation*, projeto que se desenvolve em 5 universidades africanas e que tem como objetivo desenvolver o aprofundamento de conhecimentos na área da tradução e interpretação de conferência”. O projeto foi criado pelos serviços linguísticos de organizações como as Nações Unidas, a União Europeia, a UA, o BAD e o Grupo dos Estados ACP, pertencendo o Camões, I.P. ao respetivo comité estratégico.

Paralelamente decorre, desde o início de março, o ensino de português no Centro de Tradução e Interpretação da UdN aos dez alunos do curso de mestrado, ao lado das línguas já integradas no curso: inglês, suaíli, espanhol e francês.

A lecionação da língua portuguesa em Nairobi irá ser completada, em breve, com a abertura do curso certificado de português na UdN.

UNIÃO AFRICANA

Data de 2006 o ensino de português aos funcionários, tradutores e intérpretes da União Africa (UA), a organização continental com sede em Adis Abeba, na Etiópia, em que o português é – desde 1963, e para além de línguas africanas – língua de trabalho, a par do árabe, francês e inglês.

Apenas estas 3 e o português contam com um grupo permanente de intérpretes e tradutores contratados. Mas, como refere a leitora Isabel Boavida, que acumula a lecionação de português na UA com o ensino na

Universidade de Adis Abeba (UAA) e a responsabilidade pela área cultural na Embaixada de Portugal, “uma vista de olhos ao sítio internet da UA (...) torna imediatamente evidente uma disparidade gritante nesta época de informação global: só existem páginas em 3 das 4 línguas oficiais e o idioma ausente é o português”.

No entanto, de acordo com as regras da UA, “todos os documentos são, em princípio, traduzidos e circulam em português”, indica. “Em todas as reuniões de trabalho, conferências temáticas e cimeiras, mediante solicitação dos participantes e/ou dos Estados membros, dois intérpretes garantem a interpretação de e para a língua portuguesa. Cabe, assim, aos estados-membros requerer o serviço que só está garantido nas cimeiras de Chefes de Estado”, explica.

O ensino de português língua estrangeira na organização pan-africanista foi estabelecido ao abrigo de um acordo de cooperação do Camões, I.P. com a Comissão da UA, de 2006 (renovado em 2011), que enquadrava a formação de uma Secção de Língua Portuguesa (SLP), dotada de biblioteca e videoteca e equipada para servir o grupo de intérpretes e tradutores. A SLP está atualmente instalada numa sala no edifício da UA, inaugurado em 2013.

Os objetivos do acordo são os de “promover a língua portuguesa no seio da UA, através do ensino; apoiar os tradutores e intérpretes, através de ações de formação ou facilitando a informação sobre formação especializada; divulgar as culturas da lusofonia”, enuncia Isabel Boavida.



FOTÓTIAGO PETINCA / USA



As ações de formação são dirigidas especificamente para os tradutores, revisores, editores e intérpretes de língua portuguesa, que são todos nativos, naturais de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe. Já o ensino de português língua estrangeira (PLE), que segue “as orientações gerais definidas no Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, e do Referencial Camões PLE, com “especial atenção à comunicação intercultural”, “dirige-se prioritariamente aos funcionários da UA, mas também a funcionários e diplomatas de missões africanas e, eventualmente, de outros continentes”.

As atividades de ensino seguem um calendário anual, de outubro a junho, com períodos de férias, relata Isabel Boavida, que identifica como problema maior a “extrema irregularidade das presenças nas aulas, mesmo quando funcionam em horário pós-laboral”, dificuldade que os professores de língua propõem resolver com a realização de cursos intensivos e de curta duração, proposta essa ainda a aguardar aceitação.

No entender de Isabel Boavida, um uso mais amplo da língua portuguesa na UA “depende, fundamentalmente, do empenho e exigência dos Estados-membros e da assinatura de uma esperada (...) convenção entre a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e a UA”.

SADC

Foi em 2008 que o Camões, I.P. e a SADC celebraram um protocolo para o ensino e formação no campo da língua portuguesa, a qual, juntamente com o francês e o inglês, é idioma oficial desta organização sediada em Gabarone, no Botsuana, de que são Estados membros Angola e Moçambique.

O documento apontava, nomeadamente, ao apoio à formação e à atividade de tradutores e intérpretes das 3 línguas da organização, bem como ao ensino do português aos funcionários da SADC e à formação na área da revisão de textos em língua portuguesa.

Segundo a leitora Raquel Gonçalves, que acumula a do-

cência na SADC com o ensino na Universidade do Botsuana (UB), a língua portuguesa é “a única que é ensinada na instituição”. As aulas são aliás ministradas na própria SADC e esta “providencia todo o apoio técnico”. A biblioteca da organização “também tem alguma oferta na língua portuguesa: livros, filmes, dicionários”.

Os alunos pertencem aos vários departamentos da instituição: defesa, finanças, comércio, recursos humanos, secretárias de alguns destes departamentos, tradutores, indica Raquel Gonçalves. “Este ano recebemos 31 inscrições”.

No entanto, a leitora regista o facto de “os alunos que frequentam o curso de português, por vezes, não conseguirem dar continuidade aos seus estudos, devido às exigências das suas funções na instituição”, acrescentando que, por isso, ainda há um número reduzido de funcionários de países não lusófonos que dominam a língua portuguesa.

Mesmo assim, o ensino do português veio reforçar não só o seu estatuto dentro da SADC, mas também a sua importância na região austral e no próprio país, como se pode constatar pela procura “cada vez maior”, no dizer da docente, dos cursos de proficiência em português na UB, frequentados atualmente por cerca de 40 alunos, que trabalham nas mais diversas áreas. A UB irá abrir uma licenciatura em língua portuguesa e estudos lusófonos, contando com o apoio e colaboração do Instituto Camões.

configuram dimensões básicas do ponto de vista estratégico”, advogou, acrescentando que aqueles “são os terrenos de projeção natural de uma e outra língua”, sem que isso signifique que não “haja que trabalhar (...) no fomento das nossas respetivas línguas e noutros espaços que não são o futuro são o presente”, afirmou ainda, referindo concretamente o caso da Ásia.

A conferência do embaixador Lucini teve como foco a diplomacia cultural, que considerou ser um atributo “basicamente estatal”, e o papel nela desempenhado pelos institutos nacionais de cultura europeus. A diplomacia cultural – disse – “não é algo novo nem recente, mas é algo que ficou na moda”, “consequência desse mundo verdadeiramente global, interconectado e até certo ponto cooperativo em que nos desenvolvemos atualmente”.

Considerando o conceito que está subjacente à diplomacia cultural “complexo, polissémico, uma vez que está a cavalo entre a diplomacia e a cultura”, o diplomata espanhol empenhou-se em traçar as suas fronteiras, uma vez que “tem limites difusos com outros conceitos, como poder suave [soft power] ou como a diplomacia pública”, o primeiro criado por Joseph Nye, em 1990, e o segundo – muito ligado ao que se designa por ‘marca país’ – por Edmund Gullion, em 1965.

DIPLOMACIA CULTURAL

Em síntese, Lucini definiu diplomacia cultural como “uma atividade que utiliza o intercâmbio de ideias, valores e tradições e os produtos culturais que encarnam estas ideias, valores e tradições para fortalecer as relações internacionais, melhorar a cooperação e expandir a cultura nacional”.

A diplomacia cultural, defendeu, “é uma parte essencial da política externa e de comunicação dos Estados”. Se nesta última vertente coincide com a diplomacia pública, a diplomacia cultural “insiste mais em aspetos educativos, culturais, do que nos mediáticos, técnicos e diplomáticos

em que se centra a diplomacia pública” e tem “ritmos mais amplos, menos conjunturais”, dirigindo-se ainda “a um público menos momentâneo, mais estrutural”.

No entanto, sublinhou Alfonso Lucini, na diplomacia cultural, “a cultura não é um objetivo em si mesmo”. Antes é “um instrumento, uma ferramenta que está subordinada a objetivos relacionados com a imagem exterior do país” e, nessa medida, “é no fundo um instrumento de influência”.

Daqui resulta que “a diplomacia cultural é realizada sobretudo por organismos do Estado”, o que não significa que o setor privado e a

sociedade civil não possam ajudar, “quer em financiamento quer em coordenação com o setor público”. “Mas em definitivo é ao Estado que corresponde o exercício da diplomacia cultural”.

Nessa política, refere o diplomata espanhol, “os chamados institutos nacionais de cultura, como o Camões ou o Cervantes”, são “instrumentos fundamentais, embora não únicos, da diplomacia cultural”.

Lucini adiantou que o seu país “se integrou relativamente tarde”, em comparação com outros países europeus, “ao processo de dotar-se de um instituto nacional de cultura, como instrumento privilegiado de diplomacia cultural”.

Hoje em dia, o IC, que tem como atribuições a promoção do ensino de espanhol e outras línguas oficiais nos seus âmbitos territoriais em Espanha, e a difusão da cultura espanhola no exterior, tem 87 centros repartidos por 44 países nos cinco continentes e mais de 120 centros acreditados em 20 países.

No que diz respeito à difusão da língua, o IC tem um sistema homologado de ensino e de verificação de conhecimentos do espanhol, tanto em cursos presenciais como na internet e também um sistema reconhecido de formação de professores e de acreditação de centros para o ensino de espanhol.

Alfonso Lucini sublinhou ainda que, atendendo a que apenas 10% de todos os hispano-falantes vivem em Espanha, “a ‘ibero-americanização’ é uma dimensão fundamental da política e da estratégia do Cervantes”.

Na sua palestra, o diretor de análise e estratégia do IC abordou ainda longamente o papel na Europa dos seus “mais de 20 institutos nacionais de cultura, com estruturas, fins e meios de financiamento muito diferentes”, e as suas relações com a União Europeia através da EUNIC (institutos nacionais para a cultura da União Europeia), bem como o papel da diplomacia cultural no âmbito da diplomacia europeia.

Comentando a palestra do diplomata espanhol, o Presidente do Camões, I.P. destacaria aliás “o papel central que a cultura ocupa nas relações internacionais e nas relações entre os Estados”, que descreveu como “moderador e positivo” nas relações internacionais. “Quando há problemas, quando há assuntos que exigem concertação diplomática difícil, laboriosa, normalmente a cultura é a exceção pela positiva, sempre exceção pela positiva”, afirmou o embaixador Luís Faro Ramos. “As minhas experiências dizem-me – as do embaixador Alfonso Lucini eventualmente também – que a cultura abre muitas portas, enquanto às vezes há outros assuntos que as fecham”.

Na origem da Marca Espanha

❖ A Espanha criou em 2012 a sua própria marca – um instrumento de diplomacia pública – em resposta à deterioração da sua imagem internacional, consequência da crise económica, explicou na sua palestra sobre diplomacia pública, em março passado, na sede do Camões I.P. em Lisboa, o diretor de análise e estratégia do Instituto Cervantes, em Madrid.

“A Espanha é um país (...) que sofreu diversas perceções ao longo da História. Em épocas recentes, a Espanha, que fez a transição política, tinha consolidado uma impressão muito forte de (...) que era capaz de superar dificuldades históricas e inventar-se a si mesma”, explicou o diplomata Alfonso Lucini. Mas, “essa imagem foi perturbada pela crise económica e (...) caiu a pique e uma das respostas do Governo espanhol foi a criação desse instrumento *Marca Espanha* para tratar de melhorar a imagem”.

Brasil

Autor português na feira do livro de Poços de Caldas



❗ O escritor português João Pinto Coelho, vencedor do Prémio LeYa em 2017, é um dos destaques da programação principal do Festival Literário de Poços de Caldas, o Flipoços, em Minas Gerais, Brasil, que decorre entre 28 de abril e 06 de maio de imprensa.

Na sua primeira visita ao Brasil, João Pinto Coelho participa da mesa Literatura Lusófona, a 6 de maio, «para falar sobre o livro inédito *Os loucos da Rua Mazur*, em que, na trama, o autor regressa à Polónia da Segunda Guerra Mundial». Nesta sua participação, João Pinto Coelho pretende ainda destacar a liberdade de expressão.

Além do lançamento do livro, João Pinto Coelho participa também numa mesa redonda em homenagem ao Dia da Língua Portuguesa, a 5 de maio, juntamente com os moçambicanos Dany Wambire e Manuel Mutumucuo e a brasileira Andréa Del Fuego e mediação da crítica literária Susana Ventura.

A Flipoços conta pelo quinto ano consecutivo com o apoio da Embaixada de Portugal, através do Camões/Centro Cultural Português em Brasília.

Na sequência de convite dirigido pelo Camões, I.P, pela Universidade de Brasília (UNB) e pela Cátedra Agostinho da Silva, realizar-se-á um debate no âmbito das celebrações do Dia da Língua Portuguesa e da Cultura na CPLP com estudantes universitários e a apresentação do seu livro na Embaixada de Portugal em Brasília.

Exposição Moçambique – José Cabral em Maputo



❗ A segunda parte do projeto expositivo *Moçambique – José Cabral*, uma apresentação antológica inédita do trabalho do fotógrafo moçambicano José Cabral, que resulta de uma parceria entre o Camões/Centro Cultural Português (CCP) em Maputo e a Associação Kulungwana, é inaugurada amanhã, 26 de abril, em Maputo, na galeria daquela associação.

Segundo uma nota de imprensa das duas entidades, a primeira parte da exposição *Moçambique – José Cabral* - com curadoria do artista plástico moçambicano Filipe Branquinho e do crítico de arte português Alexandre Pomar

- «reúne um conjunto alargado de fotografias, entre provas de autor e novas impressões» e foi apresentada a 11 de abril passado o Camões/CCP. A exposição é acompanhada do livro *Moçambique – José Cabral*, uma edição bilingue (português/inglês) da KYZ Books e da Associação Kulungwana, coordenada por Alexandre Pomar. O livro reúne mais de 100 fotografias de José Cabral e inclui textos do coordenador e de Drew Thompson (Estados Unidos da América).

Nas palavras de Alexandre Pomar, citadas na nota, «José Cabral é o outro mestre da fotografia moçambicana, localizável entre a dinâmica coletiva interrompida e a nova geração. Um mestre original, irreverente, individualista, indisciplinado. Por vezes revoltado e irascível, o que as suas fotografias não deixam adivinhar, na serenidade dos seus itinerários e na ternura com que olha as pessoas, todas elas, nos seus inúmeros retratos. (...) Fotógrafo culto, informado pela literatura e o convívio literário, viajado, (...) Cabral tem um perfil de exceção e de rutura original e crítico.»

A exposição contou com o apoio da Brand Lovers, embaixadas da Noruega e da Tailândia, Fundação Calouste Gulbenkian, LOGOS, Nuno Lima e PWC.

De acordo com outra nota, durante a sua permanência em Maputo, Alexandre Pomar fez no Camões/CCP uma sessão de apresentação sobre fotografia moçambicana contemporânea, seguida de revisão crítica de portfólios, juntamente com Filipe Branquinho, João Roxo e Mauro Pinto, para permitir a fotógrafos e a artistas mostrarem os seus trabalhos e prepararem devidamente os seus documentos profissionais.

A iniciativa, intitulada (*P*)*REVIEW*, resultou de uma parceria entre o Camões/CCP Maputo e a Associação Kulungwana, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian.

Dia da Língua Portuguesa assinalado no Jardim das Nações Unidas

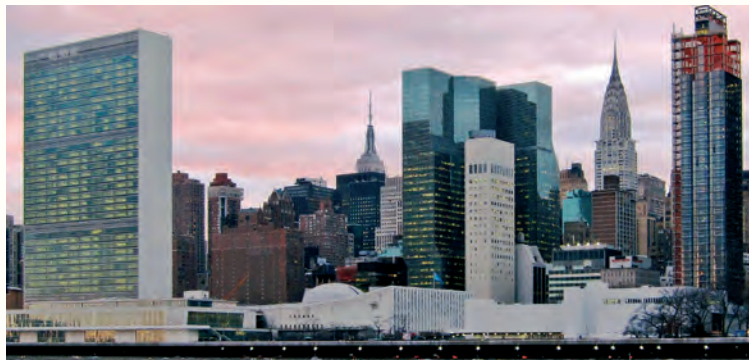


FOTO: NUTPUL CREATIVE COMMONS

❗ O Dia da Língua Portuguesa e da Cultura nos países da CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), a 5 de maio, vai este ano ser assinalado junto à sede das Nações Unidas, com um conjunto de eventos para o qual foi convidada a comunidade educativa da área metropolitana de Nova Iorque, abrangendo escolas comunitárias, públicas e universidades dos Estados de Connecticut, Nova Jérсия, Nova Iorque e Pensilvânia.

O projeto consiste num encontro de estudantes de português das escolas comunitárias, e públicas e das universidades da área metropolitana, celebrando o dia num local emblemático, o jardim North Lawn (em frente à Assembleia Geral das Nações Unidas).

Na celebração da data é esperada a participação de oitocentas a mil pessoas da comunidade educativa, desde professores de português da Academia

de West Point, a professores, alunos e pais da escola comunitária de Long Branch, Nova Jérсия, até alunos e professores da University of Pennsylvania de Filadélfia, num total de 10 universidades já confirmadas.

Para além de estudantes, famílias de estudantes e professores, foi igualmente previsto que o evento fosse aberto a outros interessados na Língua portuguesa e culturas lusófonas, incluindo pessoas relevantes da comunidade de origem portuguesa e de outros países CPLP, assim como da comunidade ‘onusiana’. Os órgãos locais de comunicação portuguesa e lusófona, incluindo a rádio Nações Unidas, foram convidados a participar e cobrir o evento.

A organização esteve a cargo da Coordenação do Ensino Português nos Estados Unidos da América, na pessoa do seu coordenador adjunto,

Estados Unidos

Triplicam candidatos aos exames NEWL de português

❗ Um total de 165 alunos estava inscrito a 31 de março passado para participar amanhã nas provas de língua portuguesa no quadro dos exames nacionais em línguas estrangeiras (*National Examinations in World Languages – NEWL*), promovidos pelos *American Councils for International Education* (AC).

Um número que é considerado como “bastante significativo” pelo coordenador do Ensino Português nos Estados Unidos da América (CEPE/EUA), João Caixinha, “tendo em conta que este é ainda um exame recente” naquele país. O número triplica os inscritos em 2017 nos exames de português que se realizaram pela primeira vez no quadro dos NEWL.

De notar que o maior número de inscrições veio dos estados do Massachusetts (49) e Nova Jérсия (89), onde estão sediados os dois gabinetes da CEPE-EUA, e de registar as 16 inscrições de uma escola no estado da Flórida.

A elaboração das provas de língua portuguesa, na sua variante europeia (existe também uma variante em português do Brasil), teve este ano, pela primeira vez, o apoio do Camões, I.P., no âmbito de um Memorando de Entendimento (MdE), assinado a 18 de janeiro passado, entre o instituto português e os AC.



DESENHADO POR NATANIEL NUNO / FREEPIK

O MdE traduziu-se também na atribuição este ano aos AC de 4 mil euros para apoiar os custos das propinas de estudantes portugueses ou luso-americanos candidatos ao exame de português NEWL e a participação de professores de português cursos de desenvolvimento profissional promovidos pelos AC/NEWL.

Segundo explicou anteriormente o coordenador da rede EPE/EUA, o exame, que é realizado em linha (*online*), tem como vantagem o facto de o seu resultado se poder converter em créditos adicionais no acesso dos alunos às universidades americanas”. Para essa aceitação conta o facto de ser promovido pelos AC e reconhecido pelo programa

José Carlos Adão, em articulação com os consulados –gerais de Portugal em Newark e em Nova Iorque e com a Missão de Portugal junto das Nações Unidas.

As escolas participantes foram encorajadas a preparar com os seus alunos trabalhos/apresentações sobre a universalidade da língua portuguesa e sua riqueza literária e cultural, tendo os trabalhos selecionados sido incluídos no programa do evento.

O programa da celebração, que decorre do meio da manhã a meio da tarde, na data fixada pela CPLP, compreende apresentações/performance em palco por alunos das escolas; uma sessão com a contadora de histórias profissional portuguesa Ana Sofia Paiva, cujo repertório inclui histórias tradicionais de vários países CPLP; a evocação do 20º aniversário do Prémio Nobel da Literatura atribuído ao escritor português José Saramago; uma mesa-redonda com o autor, ensaísta e professor luso-americano Onésimo Teotónio Almeida (da Universidade de Brown) e o comediante, autor e cronista Ricardo Araújo Pereira; a representação da performance teatral colaborativa *By Heart*, numa homenagem ao livro, à literatura e à memória), do dramaturgo, ator e atual diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II em Lisboa, Tiago Rodrigues; espetáculos musicais com as bandas Octa Push (um duo português de música eletrónica alternativa que apresentará o seu último álbum *Língua*, onde a música eletrónica portuguesa se cruza com linguagens sonoras como samba, morna, funaná, *afrohouse* e MPB) e TBA (Brasil); bem como uma feira do livro.

de *Advanced Placement* do College Board.

Segundo os AC, os resultados do NEWL são aceites por várias universidades de prestígio, incluindo a Universidade de Maryland, a Universidade DePaul, a Universidade de Purdue, a Universidade de Cornell e outras. “Um número crescente de estados também aceita os resultados do NEWL como uma medição válida de proficiência para o *Seal of Bilingualism*.”

Do contacto dos AC e da Coordenação da rede EPE-EUA com Jamie Leite, do *Board of Education* do Estado do Utah, 250 alunos farão o exame NEWL de português em 2021. O Utah já anunciou e publicitou o exame nas suas escolas e estão a preparar os alunos para essa avaliação.



Camões, I.P.

Av. da Liberdade, n.º 270
1250-149 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlenkarte@camoes.mne.pt
PRESIDENTE Luís Faro Ramos
COORDENAÇÃO Vera Sousa
COLABORAÇÃO Carlos Lobato